

# O MITO DILUVAL EM SABELA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RAIMUNDO SILVINO DO CARMO FILHO<sup>1</sup>  
WILANY ALVES BARROS DO CARMO<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como *corpus* de análise a novela "Sabela" que faz parte da obra *Histórias de leves enganos e parecenças*, de Conceição Evaristo, publicada em 2016. A narrativa costura o mito cristão com o mito africano, interligando crenças e culturas. Os elementos da natureza são evocados e simbolizados a partir de uma perspectiva genesíaca, tendo as águas como elemento central desse processo. Nesse sentido, este artigo examina a narrativa "Sabela" sob três aspectos: 1) relaciona o mito cristão do dilúvio com o mito diluvial em "Sabela"; 2) como o animismo se manifesta em "Sabela" e; como ocorre o mito diluval na narrativa. Nosso objetivo é verificar como a novela "Sabela" reconstrói o mito do dilúvio, no contexto da contemporaneidade, sob a perspectiva da literatura afro-brasileira de autoria feminina. Os pressupostos teóricos que amparam este estudo circunscrevem-se no campo da Literatura Afro-brasileira, a partir dos estudos de Evaristo (1996, 2009, 2016), Cuti (2010), Souza (2010), Silva (2016), Ferreira (2017) e outros. Sob mito Elíade (1992), Garuba (2012), Prandi (2010), Costa (2013), entre outros. Este estudo mostra que as narrativas são múltiplas de significação, representam valores culturais oriundos dos ancestrais. Constatamos a importância dos contadores de histórias para a manutenção de mitos, provérbios e narrativas dos povos de tradição oral, traduzidas na cultura brasileira nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo; Sabela; mito; Literatura afro-brasileira.

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí-UFPI/PPGEL. Mestre em Literatura, Memória e Cultura, Especialista em Literatura, graduado em Letras-português e professor da Rede Estadual de Educação do Estado do Maranhão. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro – NEPA/UESPI e um dos organizadores do ÁFRICA-BRASIL. silvinofilho2009@gmail.com

2 Mestre em Literatura, Memória e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Especialista em Literatura e estudos culturais. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas afro – NEPA/UESPI. wilanybarros@hotmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

**E**m *O mito do não retorno*, Mircea Eliade afirma que: “[...] os mitos servem como modelos para cerimônias de reatualização periódica dos importantes eventos ocorridos no princípio dos tempos” (1992, p. 9). Na epígrafe acima, podemos perceber a presença do mito diluval na narrativa “Sabela”, de Conceição Evaristo. Esta novela faz parte da obra *Histórias de leves enganos e parencças*, publicada em 2016. A narrativa costura o mito cristão com o mito africano, interligando crenças e culturas. Dessa forma, percebemos em “Sabela” um rito mítico que se assemelha ao mito cristão, narrado no livro Gênesis, que integra *O Velho Testamento*.

Essa passagem do dilúvio pode ser observada, também, na Epopeia de Gilgamesh<sup>3</sup>, poema épico de tradição oral, ligado ao povo mesopotâmico do século XXI a. C. O mito diluval foi e, ainda, é recontado e ressignificado sob diversas formas e por meio de vários povos. O termo “Sabela”, além de nomear a novela, também, se refere à personagem principal, ou ao conjunto de mulheres sabelas. Sabela pode ser vista como representante mitológica de uma tradição de mulheres, a qual guarda consigo poderes sobrenaturais, cuja ancestralidade feminina a faz organizadora e guardadora de saberes da comunidade.

Os mitos vão sendo adequados e readequados a partir de contextos diversos em que os sujeitos se colocam. Partindo de concepções contemporâneo do mito, a narrativa vai tecendo a trama como forma de explicação de questões e fenômenos naturais. Esse ponto se torna singular, na medida em que a ciência, por motivos os mais diversos, não consegue dá cabo das angústias do ser humano na busca por explicações do seu estar no mundo. Assim, o divino tem a força da transcendência, rompendo com os pactos normativos instituídos pelas leis de estados. A bíblia, sob a perspectiva do sagrado, é um bom exemplo de livro guardador e explicador do cósmico e de acontecimentos divinos. Dessa maneira, o sobrenatural, o insólito, o divino, o mágico, o animismo e o maravilhoso constituem um conjunto de forças explicativas das sociedades humanas, cujas crenças os povos se harmonizam e se humanizam em torno do sagrado. Em *O Homem e seus símbolos*, Carl G. Jung afirma que: “Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem

3 O professor Jacyntho Lins Brandão traduz a epopeia para o português com o título “Aquele que se Eleva Sobre Todos os Outros Reis”.

quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos" (2008, p. 69).

O mito atravessa o passado e o presente das comunidades humanas, revisitando-as e atualizando-as a partir de forças entrelaçadas nas histórias transmitidas pela oralidade dos povos presentes e dos povos ancestrais. É nesse sentido que as narrativas ficcionais, como "Sabela", de Conceição Evaristo atualizam os mitos, e redimensionam seus significados para os povos atuais. A vida cotidiana das sociedades auxiliadas pelos mitos se ampara nas suas forças divinas e cosmogônicas para transpor o tempo e o lugar. Dessa forma, os sujeitos têm a tarefa de seguir o curso dos seus rituais festivos, comemorativos e cerimonialísticos, revelando uma sociedade impregnada pelos mitos, lendas e fábulas. Para a professora Margareth Torres:

[...] como uma necessidade de obter respostas a estas questões, surgiram as lendas, os mitos. Havia mito para explicar tudo: mito da criação e da destruição do mundo; do nascimento dos heróis; do sol; da lua; porque segundo Frye (2000), o mito é uma forma de arte verbal e pertence ao mundo da arte sendo um mundo formado pela natureza cuja forma é humana, desse modo, mesmo diante do fato da explicação dos fenômenos da natureza pela ciência, o homem ainda persiste em contar essa perspectiva do tipo de história (2013, p. 109).

O imaginário coletivo é um eterno retorno ao encantamento dos mitos e lendas. Dessa forma, um dos elementos da natureza que simbolizam essa força é a água, seja dando vida ou tirando-a. Isso nos leva a pensar no mito de expressão do conhecimento de forma lúdica e sem muita explicação acerca da fundação do mundo e dos que nele habitam. É nesse limiar que o mito diluval, em Sabela, é narrado a partir do encantamento das águas. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é estudar o mito do dilúvio na obra *Histórias de leves enganões e parecenças*, de Conceição Evaristo, especificamente, na novela Sabela. A intenção é verificar como a autora atualiza os mitos e como esses mitos revigoram uma cultura afro-brasileira. A obra é uma coletânea de narrativas, as quais ficcionalizam as mais diversas manifestações do imaginário afro-brasileiro sob a perspectiva da ancestralidade negra feminina. Os contos vão revelando como os homens e mulheres negras foram vistos e como são tratados no contexto da sociedade atual.

Conceição Evaristo, ao escrever “Sabela”, dissolve em prosa-poética a imprevisibilidade do acaso, dos mistérios, das lendas e dos mitos. É através disso que a autora traduz para a literatura todo um conjunto de significações da oralidade e da ancestralidade afrodescendentes existentes na cultura brasileira. A escritora recorre à simbologia, às metáforas, morfologia, à uma sintaxe repleta de entonações e imagens poéticas. Todo esse processo de formação da narrativa e do texto nos ajuda a compreender suas personagens e suas lutas diárias.

## O ANIMISMO EM SABELA

A obra de Conceição Evaristo vem revelando uma ancestralidade, intimamente, ligada às culturas de matrizes africanas, além de indicar uma memória em resistência e em processo de transculturação no Brasil. É desse olhar de dentro que Conceição Evaristo (re)conta suas histórias.

Acato as histórias que me contam. Do meu ouvir, deixo só a gratidão e evito instalação de qualquer suspeita. Assim caminho por entre vozes. Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo (EVARISTO, 2016, p. 15).

A obra de Conceição Evaristo segue uma linha que se direciona para a ligação entre escrita e oralidade. Recheiar a escrita de oralidade indica as estratégias da escritora em transcrever uma ancestralidade negra oriunda de suas relações com a cultura negra e com “resíduos” (GLISSANT, 2013) da cultura africana na constituição da cultura brasileira. Nesse sentido, a autora monta um corpo de valores afrodescendentes que contribui na elaboração dos elementos étnicos representativos da identidade negra. Em outros termos, ela faz de sua literatura um “instrumento de modificação de seu **status** social e político” (SOUZA, 2010, p. 213). Luiz Silva (o Cuti) afirma que: “A literatura é poder, poder de convencimento de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (2010, p. 12).

Dessa forma, a narrativa mítica narrada em “Sabela” nos revela um dos elementos marcantes na natureza; a água. Para a autora, a água simboliza a força vital da vida, no sentido de que pode dá-la ou tirá-la. Isso nos leva a pensar na explicação mítica da origem de tudo. A tradução desse universo mítico para a literatura ocorre sob à ótica do lúdico, diluído num animismo, profundamente, dinâmico das imagens, passagens, metáforas

e frases sonoras. Os fatos narrados são contados por mulheres sabelas que carregam um saber ancestral. Essas vozes-mulheres fazem com que o leitor se envolva na trama e, algumas vezes, se reconheça como parte da narrativa. Assunção de Maria Sousa e Silva afirma que ***Histórias de leves enganos e parecenças***: “[...] é um livro inovador no limiar de suas obras, pois percorre a seara do estranho, do “mágico” e do imprevisível que caracteriza um pensamento animista” (SILVA, 2016, p.8). Para Harry Garuba (2012), o realismo animista é um persistente reencantamento do mundo.

Ao empregar a expressão “reencantamento do mundo”, portanto, desejo chamar a atenção para o inverso do que Weber descreve: um processo segundo o qual “elementos mágicos do pensamento” não são deslocados mas, ao contrário, constantemente assimilam novos desenvolvimentos na ciência, tecnologia e a organização do mundo dentro de uma cosmovisão basicamente “mágica”. Em vez de “desencantamento”, um persistente reencantamento ocorre, portanto, o racional e o científico são apropriados e transformados no místico e no mágico (GARUBA, 2012, p. 239).

No universo ancestral de matriz africana, o animismo está intimamente ligado aos contos orais, cuja crença é a base dessas narrativas. Assim, a natureza é um organismo viva, constituída de alma, indicando ações coordenadas e intencionais quando do ato de punição ou redenção das pessoas (GARUBA, 2012). Além disso, a narrativa “Sabela” revela relações muito fortes com as memórias afetivas de Conceição Evaristo. É desse universo afetivo e íntimo que sobressai uma cosmovisão da ancestralidade negra, sobretudo, a partir representação das personagens e dos episódios protagonizados na novela.

## O MITO DILUVAL EM SABELA

Numa tarde, a força da natureza se apresenta de forma voraz e, se não fosse pela interferência da mãe de Sabela, todos da cidade teriam sido engolidos pelo grande temporal, que devastou quase toda cidade e a maioria da população. Assim, “Sabela” é recheada de tradição oral, de religiosidade e de crenças no espírito dos ancestrais. Conceição Evaristo liga o movimento da vida ao presente e o presente ao passado. Nesse contexto, ela utiliza da memória para construir, através da palavra escrita,

conhecimentos oriundos das heranças das várias culturas seja ela cristão hebraico e/ou africana, ressignificados em solo brasileiro. Nesse contexto, a escritora afirma que:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens de folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporadas à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo (EVARISTO, 2009, p. 19).

Em “Sabela”, o mito é bem marcante, pois se utiliza de elementos da natureza como a fecundidade e o simbolismo das águas. O texto recupera as narrativas da tradição dos ancestrais para preservar a memória e afirmar sua identidade negra. Elio Ferreira de Souza (2010) afirma que: “[...] a forma de narrar / cantar do *griot* migrou com os milhões de cativos africanos transplantados para a Américas”. Essa tradição de contar histórias contribui na transmissão dos valores culturais, bem como na construção de uma consciência histórica de um povo.

O griô da Diáspora se situa no lugar de encruzilhada da memória real e imaginada, no limiar de fronteiras e identidades em movimento, quando conta a história da sua vida e das pessoas da sua comunidade, transmitindo um significado mais humano, mítico ou “mágico” à narração através da interferência da sua imaginação ou do imaginário popular durante o processo de criação artística (FERREIRA, 2010, p. 120).

A novela “Sabela” é dividida em três partes, as quais se interligam por meio de uma narrativa cíclica. Essa narrativa se configura através do retorno ao passado, ligado pelo momento do dilúvio, o qual se torna infinito e circular, visto que a narrativa se inicia e termina com o mesmo enredo. Assim, é possível compreender a simbologia das águas com o modelo mítico de criação da vida. A pesquisadora Sylvania Capua Carvalho, em *Narrativas da Ancestralidade: O mito feminino das águas em Mia Couto*, afirma que:

[...] as águas têm significado especial nas manifestações culturais africanas por remeterem aos mitos de fundação, os quais regem as múltiplas formas de vida. Tal como na cultura cristã, elas fazem parte de mundo primordial, do qual os seres humanos e o universo descendem (2015, p. 74).

Conceição Evaristo costura o mito cristão com o mito africano, interligando crenças e culturas. É por meio da trama que a narradora encanta

o leitor-ouvinte, com o enredo transcendendo a imaginação. Os episódios são narrados em torno de um grande dilúvio, o qual fora previsto por Sabela. Numa tarde, a força da natureza se apresenta de forma voraz e, se não fosse pela interferência da mãe de Sabela, todos da cidade teriam sido engolidos pelo grande temporal, que devastou quase toda cidade e a maioria da população. A narradora-personagem Sabela descreve a ação da natureza. "E assim tudo se deu":

Quando no céu retumbaram trovões, gritos rasgados da boca do tempo, as vozes do alto foram repetidas desde lá de dentro das entranhas da terra. Os buracos terrestres, mesmos os bem-bem pequenos, como os minúsculos orifícios por onde penetram as menores formigas, até as crateras de onde jorram os vômitos dos vulcões, todos copiaram os gritos celestes. Todas as inimagináveis frinchas do chão manifestaram-se com um longo e profundo som. Todas as fendas do solo bradaram violentamente, inclusive a maior, a guardadora das imensas águas, o mar. Repito. Todos os buracos terrestres devolveram aos céus, em forma de eco, os brados roucos e lancinantes que se despendiam das nuvens. Tudo foi um só abalo, um transtorno só. Céu e terra como se tudo fosse uma única matéria em rebuliço. Eu lembro que, naquela tarde, os sons mais baixos provinham das vozes humanas em gritaria. Os cães ladravam em uníssono, misturando confusamente seus lamentos aos finos e irritadiços miados dos gatos [...] Olhei Sabela, Mamãe tinha a expressão toda úmida (EVARISTO, 2016, p. 59).<sup>4</sup>

No dia do dilúvio, a mãe Sabela ficou com a roupa molhada, "[...] amanececeu dados sinais de alagamentos futuros" (EVARISTO, 2016, 60). A mãe nova, de onze irmãs, assim como a mãe, carregava a força da água em seu corpo e viu, também, torrentes de águas passando por debaixo da cama enquanto suas irmãs dormiam. A mãe Sabela acompanhava o ritual católico chamado de Domingo de ramos, pois sabia que esses ramos bentos têm a força de afastar o mal. No dia que amanheceu toda molhada, prevendo o dilúvio, apanhou os ramos e começou a benzer os espaços da

---

4 "Se for mera coincidência, o dilúvio narrado no excerto acima parece-nos uma premonição enunciada magicamente pela narradora acerca da barragem de Brumadinho, episódio ocorrido recentemente em Minas Gerais, protagonizado pelo "dilúvio de lama" oriundos dos rejeitos da barragem de usinas de ferro da empresa do Rio Doce". Elio Ferreira de Souza, 2019.



casa com o intuito de acabar com a tempestade. Ela pegava “[...] as ramagens sagradas, balançadas de dentro para fora da casa, ou queimadas em algum cantinho [sabia que] eram capazes de aplacar a cólera da chuva” (EVARISTO, 2016, p. 63).

As Sabelas rezavam para Cristo e Santa Bárbara, mas, às vezes, sentiam uma força canto que contagiava a todas: “[...] uma fé engrandecida saltava de nossas preces, que se estendiam a outras regiões divinas” (EVARISTO, 2016, p. 62). As Sabelas uniram as crenças e clamaram para que todos os santos e orixás tivessem misericórdia, visto que a previsão para a cidade era devastadora. A mãe Sabela ficou assustada ao pressentir a força da chuva, a qual se abateria naquele lugar. Então, as Sabelas rezavam e, ao mesmo tempo, entoavam: “[...] cantigas para Iansã, pois ela quem comanda os ventos, os raios, as tempestades e poderia, caso quisesse, aplacar o furor das águas que ameaçava a cidade” (EVARISTO, 2016, p. 62). Nessa passagem, podemos identificar a cosmogonia religiosa, associando Iansã à Santa Bárbara.

Os negros criaram estratégias para celebrar os deuses e cultuar as religiões africanas, ocultando, por exemplo, as imagens dos santos cristãos. Entre outros fatores, esse tipo de resistência cultural ou disfarce teria contribuído provavelmente na formação do “sincretismo” religioso da Umbanda, do Tambor de Mina e outros cultos afro-brasileiros (SOUZA, 2017, p. 100-101).

A cosmogonia entre as duas religiões está presente na cultura afro-brasileira desde a chegada dos povos africanos no Brasil. A partir disso, a escritora Conceição Evaristo se utiliza dessa “crioulização” (GLISSANT, 2013) religiosa para fortalecer suas raízes ancestrais. Ela também trabalha a linguagem mítica vinda da oralidade, materializada em forma de linguagem poética, mostrando a força da natureza animista. No artigo, “Música de fé, música de vida: a música sacra do candomblé e seu transbordamento na cultura popular brasileira”, de Reginaldo Prandi, o autor ressalta que o mito ensina como os orixás e os homens foram concebidos.

O mito que fala da criação da religião dos orixás que louvar os deuses é cantar para eles e fazê-los dançar junto aos humanos. A união dos homens com os deuses se realiza ritualmente numa assembleia de confraternização presidida pelos tambores, em que ritmos, melodias e letras, sobretudo ritmos, servem para chamar as divindades e fazer com que elas possam ao menos momentaneamente



conviver com homens e mulheres, dos quais foram separados desde os tempos primordiais da Criação (PRANDI, 2010, p. 545).

No caso, a Sabela canta para afastar os maus espíritos e para livrar a cidade do choro da mãe natureza. A narradora-personagem, assustada com o futuro acontecimento na cidade, presenciava em sua mãe Sabela os “[...] pedaços de medo em sua face, mas que logo desapareciam, e seu rosto, então ganhava o ar tranquilo, de quem tem plena convivência com os profundos segredos da vida” (EVARISTO, 2016, p. 63). A protagonista-narradora revela o lado oculto das mulheres Sabelas ao descrever a forma pela qual acontecem os rituais de benzimento. Apesar de todas as orações e clamores, elas não conseguem afastar as fortes chuvas. Diante disso, a mãe Sabela decide avisar ao prefeito sobre sua visão de enxurrada na intenção de salvar as vidas dos moradores. O “homem ordenou à imprensa falada, lida e assistida que instruisse a todos como deveriam agir. [...] E antes mesmos que brutalmente as águas chovessem, o prefeito decretou estado de calamidade pública na cidade” (EVARISTO, 2016, p. 61). Assim, a população é avisada do temporal que iria se abater sobre a cidade e, dessa forma, tenta se prevenir contra a enxurrada marcada para aquela tarde.

“E assim tudo se deu...” (EVARISTO, 2016) a enxurrada passou devastando a cidade e poucos habitantes conseguiram se salvar. Muitos desses tinham uma ligação mágica com as mulheres sabelas. Compreendemos que a grande chuva foi o aviso da natureza para pararem de agredir o meio ambiente. Essa podem ser uma das explicações para a enxurrada que se abateu na cidade. No livro, *A questão Ancestral* (2018), de Fábio Leite, os ancestrais estão ligados à comunidade, promovendo um equilíbrio. Entretanto, quando as normas não estão sendo respeitadas, há uma advertência ou castigo.

De fato, os ancestrais podem auxiliar a comunidade nos momentos difíceis, onde sua interferência é necessária para a manutenção do equilíbrio. Em contrapartida, podem também advertir ou castigar, quando as normas ancestrais não são cumpridas de maneira aceitável. Para essas interferências suas próprias forças e poderes, frequentemente aumentadas por estar próximos das instâncias divinas, ou recorrem as próprias divindades (LEITE, 2018, p. 351).

Outro ponto a ser tocado é sobre o quase assassinato de Sabela-mãe pelos habitantes da cidade e, também, pela falta de agradecimento por alguns moradores pela fertilidade do rio, a qual ajudou a gerar crianças,

pois vovó Sabela “[...] havia livrado a cidade de morrer à mingua de pessoas, pois, antes mulher alguma paria” (EVARISTO, 2016, p. 64-65). Mas, depois que vovó Sabela pariu no leito do rio seco, tanto o rio ressurgiu, como as mulheres que banhavam nele ficaram férteis. “E assim tudo se deu” (EVARISTO, 2016):

Quando vovó sentiu que a filha nadava dentro dela procurando o caminho da saída, se encaminhou para o leito de um rio que estava vazio havia anos. Chuva alguma havia conseguido ressuscitar as águas daquele vale. Mas, quando as águas do parto começaram a vaziar do meio das coxas de vovó, antes mesmo de Sabela ser expelida, o rio começou a encher. E o sulco da terra, antes seco e cheio de rachadura plenificou-se com uma água avermelhada, lembradiça a sangue. Após esse acontecimento, as mulheres do lugar, que antes haviam se tornado estéreis, começaram novamente a engravidar quando se banhavam nas águas do rio. E voltavam depois à beira do rio, para cumprir as alegrias do parto, misturando seus líquidos à liquidez vazante da correnteza. A partir do nascimento de mamãe, Vovó Sabela, uma mulher comum, passou a ser reverenciada por todos do lugar. [...] Por alguns anos, até a menina Sabela ser apontada como bruxa (EVARISTO, 2016, p. 65).

A literatura mítica na novela Sabela indicia a tentativa da escritora em manter vivos os fluxos culturais de uma matriz africana com vestígios da cultura hebraica cristã. Essa tradição se interliga aos mitos de fundação do mundo. Tal conhecimento é inserido na narrativa como forma de despertar o encantamento na literatura africana e afro-brasileira. Paulina Chiziane afirma que a mulher é o centro da vida, pois do seu ventre gera toda a humanidade. Portanto, nas religiões **bantu**, toda desgraça que se abate na terra a culpada é sempre a mulher, por ter gerado todo tipo de pessoa.

Comparo a mulher a terra, porque lá é o centro da vida. Da mulher, emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra. Nas religiões **bantu**, todos os meios que produzem subsistência, riqueza e conforto, como água a terra e o gado, são deificados, sacralizados. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infratoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são

os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nadomortos, que infertilizam a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (CHIZIANE, 2018, p. 31).

Esses instrumentos ou códigos de punição que recaem sobre as mulheres “bantu” entram em relação com a novela “Sabela”, visto que a menina Sabela quase foi assassinada pelos habitantes da cidade, por temerem alguma maldição advinda de uma sabedoria tão precoce, manifestada pela protagonista. Outra marca da narrativa é a repetição do nome Sabela ao longo dos séculos. Em relação ao nome da linhagem, Hampâté Bâ (2010) salienta que “[...] para o africano, a invocação do nome de família é de grande poder. Ademais pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva em africano” (p. 198).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso, podemos observar o quanto a obra da autora é múltipla de significação, pois representa valores culturais oriundos dos antepassados. Constatamos a importância dos contadores de histórias para a preservação das narrativas ancestrais responsáveis pela manutenção dos mitos, provérbios e narrativas dos povos de tradição oral, os quais ainda persistem e são ressignificados nos dias atuais. A postura diaspórica evaristiana nos conduz à uma literatura ligada à questões sociais dos negros, como também estabelece um lugar de fala que diz respeito às demandas étnicas, religiosas e linguísticas. Uma das peculiaridades da escrita de Conceição Evaristo, dá-se pela protagonização da mulher negra como heroína nas suas narrativas.

Dessa forma, a literatura escrita pelos negros em diáspora forja outros mundos, outras histórias alicerçadas numa escrita de si, na promoção de uma identidade de dentro, em primeira pessoa, no testemunho do eu, ou como afirma Conceição Evaristo, numa escrita da escrevivência. Na obra de Conceição Evaristo, observamos vestígios da oralidade, no tocante à repetição e ênfase de nomes, provérbios ou expressões. A narradora chama o leitor/ouvinte para participar da história, fazer parte de dentro dos fatos narrados. O emprego de frases curtas, provérbios e ditados populares é utilizado para dar materialidade à palavra oral. Assim, os elementos da oralidade contribuem para a preservação da cultura e da religiosidade

afrodescendente. Esses elementos ganham um campo de plurissignificação servindo para construção e reconstrução da identidade negra na literatura.

A novela "Sabela" a escritora Conceição Evaristo se lança ao projeto narrativo do "mágico" e insólito próprios de uma cosmogonia animista de matriz africana, que produz as vozes da natureza e seus desígnios. Desse modo, apresenta sabedorias que reafirmam o legado ancestral da antiguidade africana de forma mítica.

Ao longo do percurso, compreendemos que Conceição Evaristo é uma escritora contemporânea daquelas que advogam para si o status de mulher, negra, brasileira oriunda de uma das favelas de Belo Horizonte. Hoje, uma das principais representantes por redesenhar as posições e lugares destinados à mulher negra e ao homem negro dentro da literatura contemporânea. Acreditamos que as divulgações de suas obras são importantes para construção de uma identidade pautada na consciência da diversidade cultural, garantindo respeito às diferenças e reconhecimento das culturas afro-brasileiras e africanas.

Neste estudo, vimos que a narrativa "Sabela", de Conceição Evaristo que está presente na Obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), trata-se de uma rememoração que se apresenta de forma diversificada, pois representa um recurso de revisão de conceitos, de métodos e princípios, utilizados num sentido de construir imagens positivas do negro, discursos e forjar situações que possam possibilitar a criação de eventos e, assim, transmitir os valores, contribuições e participação do sujeito negro nos espaços social, político e cultural na diáspora africana e, particularmente, no Brasil.

## ABSTRACT

This work has as its corpus of analysis the novel "Sabela", which is part of the work *Histórias de Milos Mises and Similarities*, by Conceição Evaristo, published in 2016. The narrative sews the Christian myth with the African myth, interconnecting beliefs and cultures. The elements of nature are evoked and symbolized from a genesis perspective, with water as a central element of this process. In this sense, this article examines the narrative "Sabela" under three aspects: 1) it relates the Christian myth of the flood with the flood myth in "Sabela"; 2) how animism manifests itself in "Sabela" and; 3) how the diluvial myth occurs in the narrative. Our objective is to verify how the soap opera "Sabela" reconstructs the myth of the deluge, in the context of contemporaneity, from the perspective of Afro-Brazilian literature of female authorship.

The theoretical assumptions that support this study are circumscribed in the field of Afro-Brazilian Literature, from the studies of Evaristo (1996, 2009, 2016), Cuti (2010), Souza (2010), Silva (2016), Ferreira (2017) ) and others. Under myth Eliade (1992), Garuba (2012), Prandi (2010), Costa (2013), among others. This study shows that narratives are multiple of meaning, representing cultural values from ancestors. We see the importance of storytellers for the maintenance of myths, proverbs and narratives of peoples of oral tradition, translated into Brazilian culture today.

**Keywords:** Conceição Evaristo; Sabela; myth; Afro-Brazilian literature.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Gênesis. Português. In: *Bíblia sagrada: velho testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Cap 7-8.

CARVALHO, Sylvania Capua. *Narrativas da ancestralidade*: o mito feminino das águas em Mia Couto. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2015.

COSTA. Margareth Torres de Alencar. *A presença do mito de Fausto em O sol dos trópicos*. In: \_\_\_\_\_. SILVA, Marinalva Freire da (Org.). Literatura & Linguagens. João Pessoa: Sal da Terra, 2013.

CUTI, Luís Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo negro, 2010.

CHIZIANE, Paulina. *EU, MULHER ... por uma visão do mundo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

DIONÍSIO, Dejair. *Ancestralidade bantu na literatura afro-brasileira*: reflexões sobre o romance "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Mercury: São Paulo, 1992.

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, V.13, n. 25, 2º Semestre. P. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016. Entrevista concedida a Dawn Duke.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado/PUC, 1996.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: editora Malê, 2016.

FERREIRA (de Souza), Elio. *Poesia negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2006.

GARUBA, Harry, TRADUÇÃO. *Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana*. Trad. Elisângela da Silva Tarouco. Nonada: Letras em Revista [en linea] 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451673021>. Acesso: 21 de abril de 2021.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: \_\_\_\_\_ KI-ZERBO. (org.) História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.167-212.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEITE, Fábio. *A questão ancestral: África negra*. São Paulo: casa das Áfricas & Pallas Athenas, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Epistemologia da Ancestralidade*. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo\\_oliveira\\_-\\_epistemologia\\_da\\_ancestralidade.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf). Acesso em: 26 de outubro de 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Música de fé, música de vida: a música sacra do candomblé e seu transbordamento na cultura popular brasileira*. In: \_\_\_\_\_ . PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: 2010.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. Ele que o abismo viu: ***A epopéia de Gilgamesh***. Trad. de Acárdio, introdução e comentários de Jacyntho Lins Brandão. – 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. ***Histórias de leves enganos e parecenças***. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

SOUZA, Florentina. ***Cadernos Negros: Literatura afro-brasileira?*** In: \_\_\_\_\_. PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). ***Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil***. Belo Horizonte: 2010.

SOUZA, Elio Ferreira de. ***POESIA NEGRA DAS AMÉRICAS: Solano Trindade e Langston Hughes***. Curitiba: Appris, 2017.

WATT, Ian P. ***Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe***. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.